

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

BRUNO GRAIN DE OLIVEIRA RODRIGUES

**Quando começa a Cultura? Um estudo a partir do Brasil:
MACACOS-PREGO DA SERRA DA CAPIVARA.**

**NITERÓI
2023**

BRUNO GRAIN DE OLIVEIRA RODRIGUES

**Quando começa a Cultura? Um estudo a partir do Brasil:
MACACOS-PREGO DA SERRA DA CAPIVARA.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Produção Cultural

Orientador: Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa

Niterói
2023

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Bruno Grain de Oliveira Rodrigues

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

R696q Rodrigues, Bruno Grain de Oliveira
Quando começa a Cultura? :Um estudo a partir do Brasil:
MACACOS-PREGO DA SERRA DA CAPIVARA. / Bruno Grain de Oliveira
Rodrigues. - 2023.
44 f.

Orientador: Wallace de Deus Barbosa.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2023.

1. Antropologia cultural. 2. Civilização. 3. Produção
intelectual. I. Barbosa, Wallace de Deus, orientador. II.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e
Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao vigésimo dia do mês de dezembro do ano de 2023, às dez horas, realizou-se de forma remota (online), em conformidade com resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense - CEPEX/UFF no 637/2022 e 1.59/2022 - a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **Quando começa a Cultura? Um estudo a partir do Brasil: MACACOS-PREGO DA SERRA DA CAPIVARA**, apresentado por **Bruno Grain de Oliveira Rodrigues**, matrícula **114033008**, sob orientação do(a) **Dr. Wallace de Deus Barbosa**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dr. Wallace de Deus Barbosa**

2º Membro: **Me. Daniel Ruiz Romano**

3º Membro: **Me. Carlo Alexandre Teixeira da Silva**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

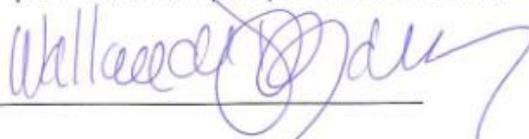
Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:

8,5 (oito e meio)

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:



Presidente da Banca

A noção de cultura, ao contrário da de sociedade, é estritamente humana. Da mesma forma que existe um pensamento e uma linguagem nos animais, existem sociedades animais e até formas de sociabilidade animal, que podem ser regidas por modos de interação antagônicas ou comunitárias, bem como de modos de organização complexos... O que distingue a sociedade humana da sociedade animal, e até da sociedade celular, não é de forma alguma a transmissão das informações, a divisão do trabalho, a especialização hierárquica das tarefas (tudo isso existe não apenas entre os animais, mas dentro de uma única célula!), e sim essa forma de comunicação propriamente cultural que se dá através da troca não mais de signos e sim de símbolos, e por elaboração das atividades rituais aferentes a estes. Pois, pelo que se sabe, se os animais são capazes de muitas coisas, nunca se viu algum soprar as velas de seu bolo de aniversário. É a razão pela qual, se pode haver uma sociologia animal (e até, repetimo-lo, celular), a antropologia é por sua vez especificamente humana.

François Laplantine

DEDICATÓRIA

Dedico àqueles que faleceram durante a epidemia pela COVID. Suas vidas precocemente perdidas me motivam e inspiram a me engajar, empregando meus melhores esforços e recursos, na luta contra a atitude anticientífica e contra o fascismo.

AGRADECIMENTOS

Aos colegas de curso pela maravilhosa convivência ao longo desta jornada.

Aos Professores do Curso de Graduação em Produção Cultural da UFF, em especial ao Professor Wallace de Deus pelo apoio e incentivo na realização deste trabalho.

RESUMO

Rodrigues. Bruno Grain de Oliveira; Barbosa, Wallace de Deus. **Quando começa a Cultura? Um estudo a partir do Brasil: MACACOS-PREGO DA SERRA DA CAPIVARA.** Niterói, 2023. 44p. Monografia do Curso de Graduação em Produção Cultural / Instituto de Artes e Comunicação Social / Universidade Federal Fluminense.

Esta monografia tem como objetivo propor uma reflexão, a partir da revisão bibliográfica, acerca das concepções de cultura que vem sendo aplicada nos estudos da Biologia com macacos-prego na Serra da Capivara (PI), em contraposição as concepções de cultura da Antropologia Cultural. Tais questionamentos assentam-se na seguinte perspectiva: se de fato existe uma cultura primata, como sinaliza os primatólogos, a partir de constatações da transmissão da tradição milenar do uso de ferramentas por esta espécie, qual seria o ofício do etnólogo neste campo de pesquisa? Do ponto de vista da produção cultural, independentemente do debate que está posto e polarizado, a preservação e proteção do macaco-prego e do sítio arqueológico, que serve de habitat para esta espécie, constituem bens culturais tombados pela UNESCO como pelo Patrimônio Mundial.

Palavras-chave: Cultura, primatologia, produção e gestão cultural.

ABSTRACT

Rodrigues. Bruno Grain de Oliveira; Barbosa, Wallace de Deus. **When Culture Begins? A study from a Brazilian perspective : CAPUCHINS MONKEYS of Serra da Capivara.** Niterói, 2023. 44p. Monograph of the Undergraduate Course in Cultural Production / Institute of Arts and Social Communication / Universidade Federal Fluminense.

This monograph aims to propose a reflection, based on the bibliographical review, about the conceptions of culture that have been applied in Biology studies with capuchin monkeys in Serra da Capivara (PI), in contrast to the conceptions of culture in Cultural Anthropology. Such questions are based on the following perspective: if there is indeed a primate culture, as primatologists indicate, based on findings of the transmission of the ancient tradition of using tools by this species, what would be the role of the ethnologist in this field of research? From the point of view of cultural production, regardless of the current and polarized debate, the preservation and protection of the capuchin monkey and the archaeological site, which serves as a habitat for this species, constitute cultural assets listed by UNESCO as World Heritage

Keywords: Culture, primatology, cultural production and management.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - CULTURA PRIMATA: CONCEPÇÕES TEÓRICAS	17
CAPÍTULO 2 - APROPRIAÇÃO DO CONCEITO DE CULTURA NO DISCURSO DOS PRIMATÓLOGOS	24
CAPÍTULO 3 - DISTINGUINDO O BIOLÓGICO DO CULTURAL	27
CAPÍTULO 4 - O OFÍCIO DO ETNÓLOGO	32
CAPÍTULO 5 - PRODUÇÃO E GESTÃO CULTURAL DE BENS CULTURAIS NATURAIS	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Macaco prego na Serra da Capivara - PI - o uso de gravetos serve para encontrar alimento e o uso de pedras para quebrar frutos	21
Figura 2: Macho adulto quebra castanha-de-caju, observado por um jovem e uma fêmea	21
Quadro 1: Categorias de áreas protegidas pelo Patrimônio Histórico Mundial	37

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a fazer uma análise reflexiva acerca das pesquisas realizadas com macacos-prego na Serra da Capivara (PI) e a concepção de cultura primata que vem sendo empregada pelos pesquisadores em referência a este grupo, em dicotomia com as concepções de cultura na perspectiva da Antropologia Cultural.

A noção de cultura difundida nas Ciências Sociais assume diferentes sentidos, a depender do contexto. Refere-se a tudo aquilo que resulta da criação humana, ou seja, são ideias, artefatos, costumes, leis, crenças morais e conhecimento, adquirido a partir do convívio social. No campo das Ciências Sociais se inscreve como uma das categorias mais importantes, sua relevância no debate antropológico deu-se a partir do século XIX com a sistematização do conhecimento.

A Antropologia Social tem concentrado seus estudos sobre um padrão de comportamento nas sociedades e nas culturas humanas, observando as formas de organização social, as relações de parentesco e as instituições sociais de determinado grupo; enquanto a Antropologia Cultural investiga a cultura humana através do tempo, de seus costumes, mitos, crenças, rituais e línguas, se ocupando preferencialmente, de sistemas simbólicos, aspectos religiosos e comportamentais de um grupo.

De acordo com DaMatta (2010), a antropologia cultural compõe com a antropologia biológica, a arqueologia e a linguística, uma das quatro áreas da antropologia geral. Essa disciplina tem se destacado pela sua relevante contribuição sobre o reconhecimento do outro, na sua diferença.

A antropologia cultural surgiu a partir de uma necessidade de compreender outras culturas e outros povos para além da cultura europeia. Uma das grandes contribuições desta disciplina foi desconstruir preconceitos derivados do etnocentrismo e fomentar o relativismo cultural e o respeito à diversidade cultural.

Para Laplantine (1995, p. 120), a cultura nada mais que o próprio social, mas considerado dessa vez sob o ângulo dos caracteres distintivos que apresentam os comportamentos individuais dos membros desse grupo, bem como suas produções originais (artesanais, artísticas, religiosas).

Essa disciplina se dedica, portanto, a pesquisar como as culturas de diferentes povos se formaram e como os hábitos, costumes e valores são transmitidos e repassados ao longo dos anos. No processo de formação do produtor cultural, as teorias da cultura estão elencadas como um tópico fundamental da matriz curricular deste curso.

Dentro da diversidade da antropologia, destaca-se os estudos sobre a cultura primata como um objeto de interesse da antropologia biológica. A primatologia se inscreve, portanto como um campo multidisciplinar fortemente associado à antropologia biológica. A observação de primatas como Chimpanzés e Gorilas é uma prática recorrente entre os biólogos.

Com o surgimento da socio ecologia, tem sido possível identificar as grandes diferenças observadas na evolução do comportamento de grupos de primatas da mesma espécie, assim como de populações diferentes, frequentemente separadas por pequenos acidentes geográficos como rios e montanhas, isto é, de diferentes territórios.

Paralelamente, arqueólogos, registram situações em que os vestígios destes comportamentos, que podem ter milhares de anos, que podem levar a identificar a presença de algo assemelhado à vestígios de uma população de hominídeos, culturalmente identificados como uma população, pois tais vestígios são circunscritos aos territórios pesquisados.

O levantamento bibliográfico realizado neste trabalho identificou que as pesquisas realizadas recentes no Brasil sobre o comportamento de Macacos-Prego da Serra da Capivara, são multidisciplinares e envolvem pesquisadores e departamentos de várias áreas, vide os textos científicos produzidos. Contudo, estes estudos, em sua grande maioria, têm sido investigados por pesquisadores na área da Biologia, da Psicologia Comportamental e da Arqueologia, visto a pesquisa bibliográfica realizada nesta monografia.

O desenvolvimento deste campo de pesquisa evoluiu a tal ponto que, foi criada uma pequena sociedade científica composta de primatólogos e pesquisadores de outras áreas que trabalham na Serra da Capivara e em outras populações de macacos-prego.

O interesse por este tema parte de duas perspectivas: a primeira, refere a possibilidade de ampliar o olhar a produção cultural, para além do que vem sendo construído com um enfoque na questão da territorialidade da cultural; e a segunda é o alcance que a cultura primata tem atingido, a partir de pesquisas científicas que apontam mudanças de comportamentos entre os macacos-prego ao longo dos anos e a sua capacidade cognitiva (mais versáteis do que os chimpanzés no uso de ferramentas).

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a cultura primata a partir da experiência com macacos-prego na Serra da Capivara no Piauí e suas repercussões no âmbito da antropologia cultural, e por consequência na produção cultural.

A Serra da Capivara está inserida dentro do Parque Nacional da Serra da Capivara que fica localizado entre os limites dos municípios de Raimundo Nonato, João Costa, Brejo do Piauí e Coronel Dias no Estado do Piauí.

Este Parque existe desde 1979 e está ligado ao Instituto Mendes de Conservação da Biodiversidade, o seu principal objetivo tem sido preservar vestígios arqueológicos da remota presença do homem na América do Sul. Devido a sua importância o parque foi reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Cultural Mundial¹

Na Serra da Capivara foi identificado pelos pesquisadores que existem uma variedade de populações de macacos-prego², os quais fazem uso de ferramentas de forma diferente. Entre esse grupo, os pesquisadores registraram que os macacos juvenis são bem recebidos pelos mais velhos para receber os conhecimentos de como usar pedras e bigornas para abrir frutos até a idade de 2 anos. Contudo, essa predisposição de ensinamento dos macacos adultos para transmitir conhecimento, desaparece com a chegada da maturidade dos mais novos. A esse processo de transmissão do conhecimento entre o grupo, alguns pesquisadores atribuem a algo semelhante à memória.

¹ O Parque Nacional da Capivara é um patrimônio cultural material natural. Como patrimônio natural entende-se o conjunto de sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científicos.

² Os macacos-prego estão presentes em todo o continente sul-americano, porém as espécies *Sapajus xanthosternus* e *Sapajus flavius* são endêmicas da região do nordeste do Brasil. A primeira espécie é encontrada nos estados de Pernambuco, Alagoas e Paraíba e a segunda nos estados da Bahia e Minas Gerais. Os macacos-prego presentes na Serra da Capivara pertencem à espécie *Sapajus libidinosus*. Link: [pps://ptm.wikipedia.org.br](https://ptm.wikipedia.org.br). Acessado em: 3 de setembro de 2023.

Entre os macacos-prego da Serra da Capivara, os pesquisadores também apontaram uma diferença comportamental de gênero que não foi verificada em outras populações. Nestes grupos as fêmeas não utilizam gravetos, além disso desenvolveram um comportamento atípico (jogar pequenas pedras nos machos) na hora do acasalamento.

O processo de construção deste objeto parte de alguns questionamentos, tais como: O uso da palavra cultura pode ser empregado para descrever o conjunto de comportamentos observados entre os primatas? É possível pensar produção cultural neste contexto? Qual o papel do biólogo na pesquisa com macacos-prego? (Ele empresta a sua linguagem e faz a interpretação dessa cultura?); A pesquisa do biólogo sobre a cultura primata é etnográfica? Qual o ofício do etnólogo neste contexto de pesquisa?

O desenvolvimento deste trabalho monográfico foi realizado a partir de pesquisa bibliográfica sobre o tema “Cultura Primata” na plataforma Googles Scholar, na biblioteca virtual de revistas científicas da Scielo Brasil e do Catálogo de Teses & Dissertações da Capes, assim como a partir da revisão da literatura clássica e moderna sobre Antropologia Cultura e Produção Cultural.

Este texto encontra-se organizado na introdução, 5 capítulos e as considerações finais:

Na introdução apresenta-se o tema, a argumentação, objetivos e método empregado na realização do trabalho.

O primeiro capítulo aborda as concepções teóricas sobre a cultura primata e como surgiu o interesse sobre o comportamento dos primatas e o nascimento da primatologia.

No segundo capítulo problematiza-se como o conceito de cultura vem sendo difundido no discurso dos primatólogos.

No terceiro capítulo busca-se estabelecer uma distinção entre o biológico e o cultural e a relação entre a Biologia e a Antropologia Cultural

No quarto capítulo apresenta-se uma breve reflexão sobre a arte do ofício do etnólogo em etnografias com não humanos.

No quinto capítulo discute-se sobre as possibilidades da produção e gestão de bens culturais em espaços tombados pelo patrimônio histórico mundial.

No último capítulo apresenta-se as considerações finais com as principais impressões sobre e os desafios que foram encontrados no desenvolvimento deste trabalho.

CAPÍTULO 1 - CULTURA PRIMATA: CONCEPÇÕES TEÓRICAS

De acordo com Sá (2005, p.261-262) um dos primeiros relatos “científicos” sobre a semelhança anatômica entre um macaco e um ser humano remonta ao século IV a.C. Aristóteles, durante uma dissecação de macacos da Barbaria (espécie de macacos sem rabo) chamou-os de “primatas”. Ao longo das décadas, foram criados métodos, escalas e formas de classificar esses seres como naturais ou culturais. Remete-se ao período da antropologia vitoriana os relatos a respeito de outro ser mediador: os “meninos-lobo” ou “crianças selvagens” que, despidos de qualquer símbolo cultural humano, viam-se à mercê dos próprios sinais naturais.

Sá, indaga-nos se os “chimpanzés falantes” de nossos dias – nascidos e criados em cativeiro, sociabilizados por humanos, proposital e intensamente culturalizados por nós – não poderiam ser caracterizados como equivalentes estruturais, porém inversamente proporcionais, aos “meninos-lobo” do passado? Em ambos os casos, o que está em jogo não é o cenário ou a forma do personagem, mas o que ele pode ser.

Este referido autor endossa ainda, que historicamente a relação entre humanos e primatas foi marcada por um estranhamento das diferenças, e a cultura era considerada uma peculiaridade restrita ao homem. O interesse pelos estudos dos primatas surgiu no campo da sociobiologia a partir da década de 1960 com a revisão das definições sobre o comportamento dos primatas e, conseqüentemente sobre a polêmica proposição de existência de “culturas” entre eles. Os primatas foram utilizados, sobretudo na divulgação científica, para explicar comportamentos humanos como violência sexual, sexualidade, organização social e mesmo arranjos políticos (p. 268).

Para Terrazas Mata (2011, p. 79), a primatologia tem se dedicado a estudar diferentes ordem dos primatas, isso inclui os macacos antropoides, os homínídeos, hominoidea e os pró-símios. Trata-se, portanto, de uma disciplina que tem várias vertentes: biologia, antropologia, psicologia, entre outras. Contudo, está intimamente ligada a antropologia física, “ramo da antropologia que estuda a origem, evolução e diversidade de pessoas basicamente com três grandes grupos de problemas:

evolução humana e dos primatas não-humanos, variação da espécie humana e seu significado, e as bases biológicas do comportamento humano”.

Los seres humanos tenemos diferentes formas de generar nuevas ideas, pero en general siempre tienen como precedente una serie de conceptos, experiencias e intuiciones previas, sobre las cuales se establecen nuevas relaciones, lo que da lugar a una secuencia muy concreta de asociaciones. En el caso concreto del sistema social ciencia, el objetivo de la generación de ideas es muy concreto, se trata de producir explicaciones, en el sentido que se quiera dar a este término polémico y elusivo. En todo caso, las explicaciones científicas (a diferencia de otros sistemas sociales como el folclor, el mito o la religión) pretenden ser articulaciones causales que permitan entender por qué se produce un fenómeno determinado. Las explicaciones pueden ser de muy diferente estructura (narrativas, estadísticas, nomológicas etc.), pero siempre se asumen como producto de la aplicación de principios generales empleados en una serie de observaciones experimentales, es decir, que se realizan bajo condiciones controladas, de modo que el observador puede discriminar las constantes establecidas en el experimento, de las variables, que son los procesos que se desea conocer y explicar. La reconstrucción de acontecimientos del pasado suele resultar imposible en el caso de la paleoantropología (al igual que en los casos de la arqueología y la historia). En estas disciplinas, la experimentación se realiza sobre procesos naturales de carácter geológico, químico, conductual etc., con la finalidad de reconstruir paso a paso el proceso de formación de los contextos donde se localizan los fósiles (Terrazas Mata, 2011, p. 81-82).

Na atualidade a Antropologia física designa-se como antropologia biológica ou bioantropologia e estuda os aspectos comportamentais e biológicos dos seres humanos, seus parentes primatas não humanos e seus ancestrais homínidos extintos. Estuda o homem em sua dimensão biológica, concentrando-se, entre outros, na sua origem, evolução e variações físicas.

Entre os primatólogos destacam-se como áreas de interesse as pesquisas relacionadas ao comportamento dos primatas: linguagem, aprendizagem e etologia, em especial, o comportamento sexual e agressivo dos primatas; e as pesquisas relacionadas às ciências da saúde: fisiologia, patologia, clínica, genética, imunologia, e a epidemiologia das zoonoses. Esse campo de interesse tem sido difundido por

importantes institutos e centros internacionais avançados de pesquisas, assim como também no Brasil³.

Os estudos recentes realizados pelo Instituto alemão Max Plank de Antropologia Evolutiva têm se destacado por examinar a história a partir de análises comparativas de genes, culturas, habilidades cognitivas, línguas e sistemas sociais de pessoas humanas e grupo primatas intimamente relacionados aos humanos (Guimarães, 2017).

Destaca-se que este referido instituto foi fundado em 1977 na cidade de Leipzig na Alemanha e conta com uma estrutura de cinco departamentos: Psicologia de Desenvolvimento e Comparativa; Genética Evolucionária; Evolução Humana; Linguística e Primatologia.

Em 2011, sem qualquer intenção de pesquisa de campo, como turista tive a oportunidade de conhecer este referido Instituto alemão. A memória visual e olfativa desse lugar, com animais enjaulados e cheiro forte, é tão incomoda quanto à forma como a biologia, a meu ver, tem tratado os estudos com os primatas, sempre com afirmações que partem de observações diretas desses animais.

Além do Instituto Max Plank, o Instituto sobre primatas na Universidade de Kioto no Japão, tem se destacado nesse campo. Estudos avançados, coordenados por Tetsuro Matsuzawa, apontou que a memória dos Chimpanzés é melhor do que a dos homens: Os chimpanzés têm uma memória extraordinária.

Os cientistas, dirigidos pelo professor Tetsuro Matsuzawa, do Instituto de Pesquisas sobre Primatas da Universidade de Kyoto, no Japão, afirmam que os resultados da pesquisa sugerem que os humanos perderam uma capacidade similar para poder adotar outras habilidades. "A capacidade do cérebro é limitada. Talvez os humanos tenham abandonado habilidades antigas para adquirir capacidades novas, como a linguagem", explicou Matsuzawa à imprensa japonesa: "Talvez ocorra o mesmo quando os jovens virem adultos", afirmou, assinalando que a memória dos chimpanzés diminui com a idade. Durante a pesquisa, que durou vários anos, os cientistas estudaram três pares de chimpanzés -- três mães e seus filhos nascidos em 2000

³ A primatologia brasileira teve início apenas nos anos 70, com o estudo de uma espécie exótica, o macaco rhesus (Macaca mulatta), mesmo com o país contando com 123 espécies e subespécies de primatas, ¼ de todas as existentes no mundo. Dois fatos ocorridos na década de 70 deram grande impulso à organização da primatologia brasileira, a criação de centros de primatologia para três biomas brasileiros (o Centro de Primatologia do Rio de Janeiro, para a Mata Atlântica; o Centro Nacional de Primatas de Belém, para a Amazônia; e o Centro de Primatologia da Universidade de Brasília, para o Cerrado) e a fundação da Sociedade Brasileira de Primatologia (Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, entrevista Milton Thiago de Melo, 2015. Link: <http://www.iea.usp.br/noticias/o-inicio-da-primatologia-no-brasil>

-- e compararam seus resultados com os de nove estudantes universitários (Matsuzawa apud Presse, 2007, p. 1)⁴.

Entre os estudos realizados no Brasil, destaca-se os seguintes projetos: a) Uso de ferramentas por macacos-prego (*Sapajus libidinosus*) selvagens: Ecologia, aprendizagem socialmente mediada e tradições comportamentais; Pesquisador responsável Eduardo Benedicto Ottoni (USP); b) Variabilidade de comportamento social de macacos-prego (gênero *Cebus*): Análise comparativa entre populações para investigação de correlatos fisiológicos; Pesquisadora responsável Patrícia Izar (USP); c) A pesquisa de doutorado realizada pelo biólogo Tiago Falótico sobre o de ferramentas por macacos-prego e a publicação desses resultados na Revista *Scientific Reports* (Guimarães, 2017).

De acordo com Izar (apud Guimarães, 2017), entre os macacos-prego “os adultos competem pelos recursos e os imaturos podem ficar perto”. Os quebradores de coco influenciam a atividade dos outros, sobretudo os jovens, que também começam a manipular pedras e cocos. Isso dura alguns minutos. “A tradição canaliza a atividade para o mesmo tipo de ação importante para essa tradição”.

Para esta pesquisadora, os macacos que nascem nesse contexto passam por um processo de aprendizagem, visto que:

Muitas vezes vemos filhotes nas costas das mães enquanto elas quebram. O aprendizado contínuo contribui para se tornarem especialistas na tarefa. O sucesso passa pela percepção da tarefa e das propriedades da ferramenta, quando quebram tucum, um coquinho menos resistente, os macacos ajustam a força das pancadas depois de ouvirem o som da superfície rachando. Para cocos mais difíceis, eles escolhem pedras que podem chegar a ser mais pesadas do que o próprio corpo. E a seleção da pedra é criteriosa. As pedras grandes logo atraíam a atenção dos macacos, mas se fossem pouco densas – mais leves do que aparentavam – eram abandonadas. Eles têm a percepção de que o peso é importante na quebra (p. XX - Cultura Primata: transmissão de práticas de uso de ferramentas por macacos-prego ajuda a repensar o papel das tradições na evolução (p.5).

Falótico (2017) mostrou em recente pesquisa, publicada na Revista *Scientific Reports*, que entre os macacos-prego o uso de ferramentas é uma prática e a ação do jovem macho envolve conhecimento, aprendizado e transmissão de práticas

⁴ G1 > Ciência e Saúde - NOTÍCIAS - Memória de chimpanzés é melhor que a dos humanos, afirma estudo (globo.com)

culturais – ou tradições, como alguns preferem chamar quando os sujeitos não são humanos – dentro de grupos sociais. A pesquisa está no bojo de um corpo teórico que busca entrelaçar biologia, ciências sociais e humanas e recém-desembocou na formação da Sociedade de Evolução Cultural.

Figura 1: Macaco- prego na Serra da Capivara - PI - o uso de gravetos serve para encontrar alimento e o uso de pedras para quebrar frutos



Fonte: Tiago Falótico/USP

Figura 2: Macho adulto quebra castanha-de-caju, observado por um jovem e uma fêmea



Fonte: Tiago Falótico / EACH-USP

A imagem acima mostra o macaco-prego adulto quebrando a castanha-de-caju, enquanto é observado por outro macaco da mesma espécie mais jovem. Esse macaco faz parte da espécie *Sapajus libidinosus*, habitante do Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí. De acordo com este referido biólogo, o uso de ferramentas por esses animais é uma ação que envolve conhecimento, aprendizado e transmissão de práticas culturais – ou tradições, como alguns preferem chamar quando os sujeitos não são humanos – dentro de grupos sociais. A pesquisa está no bojo de um corpo teórico que busca entrelaçar biologia, ciências sociais e humanas e recém-desembocou na formação da Sociedade de Evolução Cultural.

A pesquisa realizada com esses primatas revelou uma variação de uso de ferramentas, como explica Falótico:

Se os macacos da serra da Capivara encontram algo comestível que exija o uso de ferramentas, recorrem a elas. Seu modo de vida, em que passam metade do tempo no chão rodeados de pedras e gravetos, parece ser propício ao desenvolvimento das habilidades. Mas não é só isso. Embora não haja diferença entre os sexos nos hábitos alimentares, as fêmeas nunca usam gravetos – que seus companheiros masculinos utilizam para desentocar lagartos de frestas e retirar insetos de troncos, por exemplo...Quando um macho vê outro usar uma vareta, ele observa atento; já uma fêmea, mesmo que esteja ao lado daquele usando a ferramenta, não se interessa e olha para o outro lado. (Falótico apud Guimarães, 2017, p. 3)⁵

Para este pesquisador, os macacos que habitam a Serra da Capivara desenvolveram uma habilidade no uso de ferramentas, uma vez que passam metade do tempo no chão rodeados de pedras e gravetos. Além disso está implícito entre eles um sistema de aprendizagem. Foi observado por outro pesquisador que macacos da mesma espécie que habitam outras regiões a cerca de 300 quilômetros (km) do local, têm tradições distintas no uso de ferramentas. Essa diferença de comportamento é apontada por esses pesquisadores como uma diferença cultural.

O termo Cultura Primata tem sido usado pelos estudiosos do campo da biologia para descrever um padrão de comportamento entre os primatas que dependem de um determinado contexto social para se desenvolver, e que podem atravessar gerações. Contudo, entre os pesquisadores de diversas áreas não há um consenso sobre a existência de cultura entre esses grupos. A noção de cultura para os

⁵ <https://revistapesquisa.fapesp.br/cultura-primata/>

antropólogos e o uso etológico (limitando-se aos primatas), tem sido cercado de controvérsias, em que pese todas as pesquisas sobre o tema.

Richerson (1985,2005), destaca em suas pesquisas que reunir a evolução cultural e a biológica significa: ampliar o olhar evolutivo, já que a transmissão de ideias ou inovações não se dá apenas de pais para filhos e pode trazer vantagens seletivas favorecendo as capacidades cognitivas e sociais relevantes. Considera também que a cultura pode influenciar aspectos físicos, como a conformação e o tamanho do cérebro, ou o desenvolvimento de habilidades que por sua vez sedimentam o comportamento. Os genes e a cultura, duas vias de transmissão de informação, relacionam-se, portanto, por uma via de mão dupla. A oportunidade de ver comportamentos surgirem e se espalhar é rara, e por isso abordagens experimentais que provocam inovações são um acréscimo importante aos comportamentos diversos dos macacos-prego do Piauí.

Os experimentos realizados pela pesquisadora Coêlho (2009), sobre a análise dos comportamentos de manipulação de objetos, uso de ferramentas para obtenção de alimento e na transmissão social de informação, apontaram que a aprendizagem por parte dos filhotes se dá de forma inepta e gradualmente desenvolvem as técnicas necessárias para o uso de pedras como ferramentas percussivas para quebrar cocos posicionados sobre bigornas.

Durante o processo de aquisição desta técnica, os filhotes observam o comportamento dos macacos-prego adultos. A observação desta atividade confere mais tarde oportunidades sociais que podem facilitar a aprendizagem e a transmissão social do uso de pedras como ferramentas.

CAPÍTULO 2 - APROPRIAÇÃO DO CONCEITO DE CULTURA NO DISCURSO DOS PRIMATÓLOGOS

A cultura primata tem sido um termo difundido pelo primatólogos. Essa concepção de cultura, portanto, são distintas da concepção de cultura adotada pelos antropólogos. Na antropologia há um consenso que a cultura envolve produção de sentidos e a manipulação de símbolos.

Segundo Rapchan e Neves (2016), a iniciativa de tratar comportamentos de primatas não humanos a partir de uma concepção de cultura surgiu no Japão na década de 1950.

A primatologia japonesa daquele período usava termos distintos para os fenômenos identificados (kaluchua era o termo aplicado a não humanos) e entendia que as culturas humanas são fenômenos distintos dos comportamentos observados entre os macacos, mas orientava-se pela possibilidade de que são as interações sociais que produzem as variações comportamentais (Rapchan e Neves, 2016 apud Perry, 2006).

Entretanto, ao longo das últimas décadas, o estudo sobre os primatas não humanos passou por uma revolução no conhecimento. Os primatólogos tem produzido informações relevantes acerca do comportamento dos chimpanzés em seu habitat natural, destacando a dinâmica social desses grupos e o uso de ferramentas adotadas por cada um deles.

Rapchan e Neves (2016), destacam que mesmo entre os primatólogos há diferentes correntes sobre a concepção de cultura primata. Os estudos realizados por McGrew e Tutin anunciaram que, além dos humanos, ao menos os grandes símios produziam cultura (p. 747). E que somente a partir da década de 1990, os primatólogos ocidentais aproximaram suas observações sobre variações nos padrões de comportamentos de chimpanzés africanos de uma concepção de cultura que se parece parcialmente com as concepções da primatologia japonesa. Os primeiros trabalhos sobre 'culturas de chimpanzés' enfatizavam mais os aspectos das causas genéticas e do desenvolvimento comportamental, os trabalhos mais recentes enfatizam o papel decisivo da cultura ou da tradição sobre o comportamento de chimpanzés e reconhecem o meio ambiente como uma força integrada à diversidade

cultural. Nos estudos sobre comportamento dos chimpanzés também foram observados aspectos em relação ao uso das ferramentas.

Para alguns primatólogos, o alto número de padrões de comportamento variável aproximaria mais os chimpanzés da condição de seres culturais frente a outros não humanos (Boesch, 2001, 2003). Atualmente, pelo menos, duas maneiras de se pensar as ‘culturas de chimpanzés’, considerando dois aspectos centrais do comportamento, que são ‘variação’ e ‘transmissão’.

Para tratar a transmissão de comportamentos, sua variabilidade e a produção de inovações, como pontos críticos do tema ‘culturas de chimpanzés’, pesquisadores têm desenvolvido estratégias, infelizmente, quase sempre isoladas da antropologia sociocultural e da sociologia, para explorar e refletir sobre o ‘social’ (Boesch, 2003; Van Schaik; Pradhan, 2003), o “aprendizado social”, o “aprendizado individual” (Boesch, 2003; Call; Tennie, 2009) e mecanismos de aprendizado (Ripoll; Vaclair, 2001; Whiten, 2001) como, por exemplo, a facilitação do aprendizado (Boesch, 2003; De Waal, 1999; Premack; Hauser, 2001), a imitação (Castro; Toro, 2004; Janson; Smith, 2003; Slater, 2001; Whiten et al., 2001; Whiten, 2005a), os mecanismos de tentativa e erro (Boesch, 2003; Castro; Toro, 2004; Gruber et al., 2009; Schöning et al., 2008) e o efeito engrenagem “ratcheteffect” (Lycett et al., 2007) abordando chimpanzés, humanos e outros, como os cetáceos (Rendell; Whitehead, 2001; Whiten, 2001)

Em termos gerais, pode-se afirmar que a maioria dos artigos que oferecem uma definição implícita para ‘culturas de chimpanzés’ associam, predominantemente, cultura à variabilidade de comportamentos, fenômeno que costuma estar associado à transmissão ou ao aprendizado social frequentemente avaliados em relação às influências genéticas ou ecológicas sobre sua expressão. Essas ideias também fundamentam concepções gerais sobre ‘culturas animais’ e sinalizam a partilha de um núcleo conceitual evolutivo comum.

A descoberta do uso e fabricação de ferramentas pelos chimpanzés foi uma das coisas mais incríveis do século XX, variabilidade encontrada no uso de ferramentas por chimpanzés é um sinal da existência de uma cultura material de chimpanzés, segundo Boesch (2003) apud Rapchan e Neves (2016).

Para este referido autor, se a causa central da variabilidade do comportamento de chimpanzés estiver relacionada aos mecanismos de transmissão, então os dados sobre isso são extremamente relevantes para o debate sobre ‘culturas de chimpanzés’.

A transmissão de comportamentos através do aprendizado social coloca, simultaneamente, a possibilidade de continuidade e o potencial de mudança. Muitos autores (Janson; Smith, 2003; Richerson; Boyd, 2005; Tomasello, 1999a) propõem que todos os padrões de comportamento que são socialmente transmitidos podem ser chamados de 'culturais'. Eles distinguem as culturas humanas das culturas não humanas pelo efeito 'cumulativo' ou pelo efeito 'catraca' (ratchet effect), que é a capacidade de reter comportamentos por gerações e, no caso humano, constitui-se em patrimônio cultural (p. 756).

Poirier e Fitton (2001) apud Rapchan e Neves (2016, p. 757), defendem a ideia de que o comportamento cultural de primatas não humanos não é apenas aprendizado, mas também "transmissão cultural". Segundo eles, espécies que possuem altos índices de encefalização, vidas longas, grupos sociais estáveis, sistemas de comunicações estáveis ou funcionais a longa distância e precisam lidar com ambientes que mudam, frequentemente, ou mesmo inesperadamente, são espécies potencialmente culturais.

Independentemente da existência ou não de um consenso entre primatólogos e antropólogos em relação as concepções de cultura, há um campo de debate transdisciplinar aberto sobre o tema. Os avanços das pesquisas com primatas apontam para o reconhecimento de um tipo de sociabilidade entre eles, uma transmissão de saberes e práticas que continuam a polarizar o debate acerca da existência ou não de uma cultura primata.

CAPÍTULO 3 - DISTINGUINDO O BIOLÓGICO DO CULTURAL

Dentro da concepção damatiana a raiz das diferenças entre as “ciências naturais” e as “ciências sociais” reside no fato que a natureza não pode falar diretamente com o investigador; ao passo que cada sociedade humana conhecida é um espelho onde a nossa própria existência se reflete (DaMatta, 2010, p.30).

Para este referido autor, a antropologia biológica tem se dedicado ao estudo das análises das diferenciações humanas, dando mais ênfase ao estudo das sociedades primatas superiores, em especial à especulação sobre a evolução biológica do homem. O método que tem sido empregado pela antropologia biológica se baseia nos métodos e técnicas da biologia, da genética, da zoologia e da paleontologia.

Todo sistema social humano precisa de instrumentos e artefatos materiais para sobreviver. Na realidade, artefatos, instrumentos e objetos materiais são elementos definidores do homem, já que eles definem a própria condição e sociedade humana em oposição a sociedades animais (DaMatta, 2010, p. 32)

O lugar da antropologia cultural contrapõe-se ao lugar da antropologia biológica, embora ambas estejam inseridas no universo da antropologia geral. Na esfera da antropologia cultural, a cultura não é somente uma resposta específica a certos desafios, trata-se de uma resposta que somente o homem é capaz de articular. Nos termos de DaMatta, somente o homem é capaz de criar uma linguagem da linguagem, uma regra de regras. Um plano de tal ordem reflexivo onde ele pode se ver (p. 37).

O homem se distingue do animal, assim como o biológico do cultural, “o homem é o único animal que fala a sua fala, que pensa o seu pensamento, que responde a sua própria resposta, que reflete seu próprio reflexo e que é capaz de se diferenciar quando está se adaptando a causas e estímulos comuns” (DaMatta, 2010, p. 39).

O conceito de cultura pode ter diferentes significados, a depender do contexto em que ela materializa. A cultura pode se referir a tudo aquilo que resulta da criação humana, são ideias, artefatos, costumes, leis, crenças morais, conhecimento, adquirido a partir do convívio social. No campo das Ciências Sociais se inscreve como

uma das categorias mais importantes. Este conceito ganhou relevância no debate antropológico a partir do século XIX com a sistematização do conhecimento.

Uma das primeiras formulações sobre o conceito de cultura no âmbito da antropologia foi apresentada pelo antropólogo britânico Edward Burnett Tylor. No seu entendimento a cultura e a civilização podem ser definidas como um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade (1871, p.1 apud CUCHE, 1999, p. 35). Para Tylor, a cultura é caracterizada por sua dimensão coletiva e expressa a totalidade da vida social do homem (CUCHE, 1999)

Franz Boas (2005), inaugurou um método histórico de pluralizar a cultura a partir do “relativismo cultural”. Essa mudança de paradigma rompeu com o conceito de evolucionismo cultural e com o etnocentrismo em torno da cultura ocidental moderna. Para este autor a cultura pode ser entendida como um traço distintivo da humanidade e a tarefa primordial dos antropólogos era registrar informações etnográficas sobre as sociedades ditas “primitivas” antes do seu desaparecimento.

O documentário Estranhos no exterior: as Correntes da Tradição⁶, produzido nos anos 80 pela Royal Anthropological Institute, retrata no terceiro episódio as contribuições de Franz Boas para a Antropologia cultural. Boas foi um defensor da diversidade cultural e da relatividade dos valores, em oposição as correntes do evolucionismo e do racismo científico. Este documentário evidencia ainda, a relevância de Boas para a pesquisa etnográfica e para o relativismo cultural enquanto uma perspectiva que defende os diferentes valores, crenças e práticas culturais.

As contribuições deste teórico para a Antropologia Cultural consistiram, portanto, em separar o conceito de cultura do conceito de raça; entender a relevância da linguagem para a formação da cultura e promover a análise relativista da cultura.

Além de Boas, Clifford Geertz trouxe importantes contribuições para a ampliação deste conceito. Para Geertz (2008), a cultura nunca é igual, é sempre uma recriação. O ser humano expressa sua experiência vivida. As especificidades são complexas e possuem um caráter único. Generalizações devem ser feitas com

⁶ Documentário: Estranhos no exterior: **As Correntes da Tradição (Franz Boas)**. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=zK5IYPeAbDM>

critérios. Para compreender o que o ser humano faz, é necessário entender uma ação dentre várias outras e localizá-la, caracterizá-la. No estudo da cultura, a tarefa essencial da construção teórica não é codificar regularidades abstratas, mas tornar possíveis descrições minuciosas, não generalizar através dos casos, mas generalizar dentro deles.

Geertz recupera o conceito de Max Weber, que afirma que o homem é um ser amarrado em teias de significados que ele mesmo teceu. A cultura é, portanto, uma ciência interpretativa, em busca do significado. O comportamento é uma ação simbólica. O fluxo do comportamento (ação social) faz com que as formas culturais se articulem. O significado emerge do papel que desempenham. A cultura é pública porque o significado o é. No estudo da cultura, os significantes não são sintomas ou conjunto de sintomas, mas atos simbólicos e o objetivo não é a terapia, mas a análise do discurso social.

O autor esclarece que para o desenvolvimento do estudo, não é necessário se tornar um “nativo”, mas conversar com eles. Sob este aspecto, o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano. Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir a sua particularidade.

Os textos antropológicos são interpretações (de qualidade discutível, uma vez que apenas um “nativo” pode interpretar sua cultura).

Não se precisava afirmar que a cultura do homem era tudo que ele podia reclamar, embora ele fosse, não obstante, um ingrediente essencial e irreduzível em sua natureza, talvez mesmo o ingrediente dominante. Os fatos culturais podiam ser interpretados contra o pano de fundo dos fatos não-culturais sem dissolvê-los nesse pano de fundo ou nele dissolver o pano de fundo. O homem era um animal hierarquicamente estratificado, uma espécie de depósito evolutivo, em cuja definição cada nível — orgânico, psicológico, social e cultural — tinha um lugar designado e incontestável. Para ver o que ele realmente era tínhamos que suportar os achados das várias ciências relevantes — antropologia, sociologia, psicologia, biologia — uns sobre os outros como em muitos padrões de moire quando isso fosse feito, a importância cardinal do nível cultural, o único que é distinto ao homem, surgir naturalmente, com seu direito próprio, como o faria o que ele teria que nos contar sobre o que ele era realmente (p. 28)

Laplantine (1995), também trouxe importantes contribuições neste debate ao historicizar a diversidade cultural entre os povos na antiguidade e como essa questão passou a se constituir como um saber científico a partir do século XVIII. A antropologia

inaugurada no século XX, segundo este autor, conseguiu ver que as sociedades diferentes podem ter concepções de existência tanto diversas entre si quanto igualmente boas para cada uma.

Para este referido autor, a cultura nada mais é do que o próprio social, mas considerado dessa vez sob o ângulo dos caracteres distintivos que apresentam os comportamentos individuais dos membros desse grupo, bem como suas produções originais (artesanais, artísticas, religiosas, etc), trata-se do social tal como pode ser apreendido através dos comportamentos particulares dos membros de um determinado grupo: nossas maneiras específicas, enquanto homens e mulheres de uma determinada cultura, de pensar, de encontrar, trabalhar, se distrair, reagir frente aos acontecimentos (por exemplo, o nascimento, a doença, a morte) (p.120).

Dentro desta concepção a cultura traduz-se como um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado, um conjunto de interesses unitários e separados que juntos formam um todo complexo. A cultura também pode ser entendida como modo de vida, hábitos e costumes de determinados grupo ou mesmo um instrumento para compreender as diferenças entre os homens e as sociedades.

Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. É justamente porque compartilham de parcelas importantes deste código (a cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas, transformam-se num grupo e podem viver juntos sentindo-se parte de uma mesma totalidade. Podem, assim, desenvolver relações entre si porque a cultura lhes forneceu normas que dizem respeito aos modos, mais (ou menos) apropriados de comportamento diante de certas situações. Por outro lado, a cultura não é um código que se escolhe simplesmente. É algo que está dentro e fora de cada um de nós, como de futebol, que permitem o entendimento do jogo e, também, a ação de cada jogador, juiz, bandeirinha e torcida. Quer dizer, as regras que formam a cultura (ou a cultura como regra) é algo que permite relacionar indivíduos entre si e o próprio grupo com o ambiente onde vivem (1981, p. 2)

A partir dessas diferentes contribuições, entende-se que a cultura se apresenta como uma ferramenta para compreender as diferenças entre sociedades e indivíduos em momentos distintos da história social. Como enfatiza DaMatta, a cultura é um

mapa, através do qual os indivíduos e os grupos pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas.

A cultura de fato, tem sido usada como um conceito chave para interpretação da vida social. Via de regra, usa-se para descrever o conjunto de características e peculiaridades de um grupo e de uma sociedade. Os registros das tradições, artefatos e instrumentos permitem traçar os diferentes perfis identitários e marcas dos grupos e povos.

CAPÍTULO 4 - O OFÍCIO DO ETNÓLOGO

No trabalho campo com macacos pregos, o sistema de trocas simbólicas, comumente presente entre os pesquisados e os pesquisadores não se dá de forma consciente, uma vez que os pesquisados não estão nos mesmos planos de consciência do pesquisador.

DaMatta (2010) destaca que na Antropologia os planos de consciência que estão presentes no processo de compreensão na evolução humana: o plano físico, o plano social / cultural, o plano individual / coletivo e o plano da linguagem. Sendo este último, ao seu ver, o mais fundamental de todos, uma vez que se trata de uma esfera de consciência absolutamente básico na transmissão, invenção e produção de todo o conhecimento e cultura (p.39).

O ofício do etnólogo constitui uma tarefa primorosa dentro da antropologia cultural, o etnólogo ao realizar ao realizar um estudo sobre a cultura de determinados povos ou sociedades, utiliza-se da etnografia para conhecer as particularidades da cultura de um determinado grupo social estudado.

Para DaMatta (1978), no trabalho etnográfico devem ser considerados as dimensões teóricas intelectual, que compreende o momento de elaboração do objeto a ser estudado e o planejamento de entrada no campo de pesquisa, as dimensões pessoais e subjetivas do pesquisador. O *Anthropological Blues*⁷, na concepção deste autor, são dimensões constitutivas do trabalho de campo e diz respeito aos aspectos emocional e interpretativo da pesquisa, momento em que o investigador entra em contato com os seus sentimentos e com o sentimento dos pesquisados.

Por *anthropological blues* se que cobrir e descobrir, de um modo mais sintético, os aspectos interpretativos do ofício do etnólogo. Trata-se de incorporar no campo mesmo das rotinas oficiais, já legitimadas como parte do treinamento do antropólogo, aqueles aspectos extraordinários ou carismáticos, sempre prontos a emergir em todo relacionamento humano. De fato, só se tem Antropologia Social quando se tem de algum modo o exótico, e o exótico depende invariavelmente da distância social, e a distância social tem como componente a marginalidade (relativa ou absoluta), e a marginalidade se alimenta de

⁷ *Anthropological blues* denomina-se uma expressão usada por DaMatta, para fazer referência às dificuldades iniciais e existenciais do antropólogo no campo etnográfico, seja no momento de interação com sociedades culturalmente distantes, que exigem transformar o exótico em familiar para dar um sentido lógico e coerente às práticas que está observando; seja de modo inverso, estranhar o familiar para melhor compreendê-lo.

um sentimento de segregação e a segregação implica em estar só e tudo desemboca – para comutar rapidamente essa longa cadeia – na liminaridade e no estranhamento.

De tal modo que vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) transformar o exótico em familiar e / ou (b) transformar o familiar em exóticos. E, em ambos os casos, é necessário a presença dos dois termos (que representam dois universos de significação) e, mais basicamente, uma vivência dos dois domínios por um mesmo sujeito disposto a situá-los e apanhá-los. Numa certa perspectiva, essas duas transformações parecem seguir de perto os momentos críticos da história da própria disciplina. Assim é que a primeira transformação – do exótico em familiar – corresponde ao movimento original da antropologia quando os etnólogos conjugaram o seu esforço na busca deliberada dos enigmas sociais situados em universos de significação sabidamente incompreendidos pelos meios sociais do seu tempo (p.4).

Dentro desta linha de entendimento, as pesquisas realizadas com primatas não convergem as expectativas do trabalho etnográfico no que diz respeito as dimensões subjetivas do pesquisado.

Além de DaMatta, Oliveira (2007) também contribui neste debate com a reflexão sobre o ofício do antropólogo e como desvendar evidências simbólicas. Para este referido autor,

a Antropologia tem sido tradicionalmente caracterizada como uma disciplina que procura articular o olhar de fora com o olhar de dentro, ou significativamente para caracterizar os anthropological blues ou as contingências constitutivas do trabalho de campo ainda como uma disciplina que privilegia o ponto de vista nativo ou ainda o ponto de vista do ator. De fato, a Antropologia compartilha com a Sociologia o interesse no estudo da organização social, das estruturas sociais e das práticas sociais vigentes na sociedade estudada, mas procura dar uma ênfase maior que esta última na apreensão do ponto de vista interno, do nativo, ou do ator (p. 7).

Na tradição das pesquisas etnográficas, como bem já demarcou Malinowski (1978), Geertz (2008) e outros expoentes clássicos da antropologia, a observação participante e estabelecer relações com os informantes por meio de entrevistas, são dois princípios básicos do ofício do etnólogo. Para Malinowski (1992), a única forma de compreender a cultura do outro é viver com ele durante um tempo, aprendendo sua linguagem e seus costumes. O trabalho etnográfico a partir da perspectiva destes autores prever coleta de informações por meio da observação e da interação com os sujeitos pesquisados.

No âmbito das Ciências Sociais, o ofício do etnólogo se constitui em um trabalho de interpretação a partir de observações de situações concretas, tais como práticas, rituais, simbologias e comportamentos de determinados grupos. Pensar o ofício do etnólogo, em estudos comparativos de cultura, que envolve não humanos se impõe como o grande desafio e questionamento. Então se de fato existe uma cultura primata, como sinaliza os primatólogos, a partir de constatações da transmissão da tradição milenar do uso de ferramentas por esta espécie, qual seria o ofício do etnólogo neste campo de pesquisa?

CAPÍTULO 5 - PRODUÇÃO E GESTÃO CULTURAL DE BENS CULTURAIS NATURAIS

A produção cultural se insere em um conjunto de aditivos voltados para a promoção de ações que visem o desenvolvimento cultural como um todo. Os símbolos e a linguagem são ferramentas importantes na organização dessas ações.

O conjunto de ferramentas utilizadas por esta disciplina, teoricamente não foram pensadas para serem realizadas com não humanos. Os aditivos culturais que estão incorporados à prática de produção (festivais, espetáculos teatrais, musicais e de dança, exposições, produção audiovisual, preservação do patrimônio e literatura), são práticas voltadas à cultura e as tradições humanas.

A apreciação da arte, em qualquer uma das suas manifestações, depende de um conjunto de valores que estão presentes na natureza humana. Se existe de fato, como apontam os primatólogos e os biólogos, uma cultura primata qual seria a perspectiva e o desafio da produção cultural neste contexto?

De acordo com Zanirato (2009), a cultura, de um modo geral, pode ser composta por elementos culturais, os quais são formados por manifestações materiais e imateriais formadas por elementos que nos precederam.

Neles se incluem os objetos e estruturas dotados de valores históricos, culturais e artísticos, bens que representam as fontes culturais de uma sociedade ou de um grupo social e que podem ser materiais ou imateriais. Conservá-lo é uma forma de garantir o testemunho e referencial, não apenas de seu valor arquitetônico e histórico, mas dos valores culturais, simbólicos, de sua representatividade técnica e social (p. 137/138).

Pesquisas realizadas com os macacos-prego da Serra da Capivara identificaram que estes animais tem um ancestral comum com os humanos há 40 milhões de anos e que esta espécie, entre os primatas do novo mundo, é a única que faz uso de ferramentas, de forma muito parecida com a linhagem humana (National Geographic Brasil, 2019).

Pela sua peculiaridade e habilidade no uso de ferramentas, há pelo menos 600 anos, segundo as pesquisas realizadas pelo Instituto de Psicologia (IP) da USP, os macacos-prego e todo o ecossistema natural em que vivem, o Parque Nacional da

Serra da Capivara, passaram a integrar o livro de tombos Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional (Jornal da USP, 2019).

Sendo assim, pode-se compreender que os elementos naturais que dispõe o Parque, isso inclui as formações físicas, biológicas e geológicas excepcionais, habitats de espécies animais e vegetais ameaçadas e zonas que tenham valor científico, de conservação ou estético, são bens culturais materiais naturais.

De acordo com a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (1972), O patrimônio cultural é composto por monumentos, conjuntos de construções e sítios arqueológicos, de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas.

Esta referida convenção definiu ainda, que o patrimônio natural é formado por monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas, formações geológicas e fisiográficas, além de sítios naturais. Nele a proteção ao ambiente, do patrimônio arqueológico, o respeito à diversidade cultural e às populações tradicionais são objeto de atenção especial, vide o quadro abaixo:

Quadro 1: Categorias de áreas protegidas pelo patrimônio histórico mundial

Nº	Designação	Descrição
I.a	Reserva natural estrita	Área estritamente protegida designada para a conservação da biodiversidade e também, possivelmente, de elementos geológicos/geomorfológicos. Nela a visitação, os usos e os impactos humanos são rigorosamente controlados e limitados para assegurar a proteção dos valores de conservação.
I.b	Área natural silvestre	Normalmente grande área não modificada ou pouco modificada, que mantém seu caráter e influência naturais, sem habitações humanas permanentes ou significativas, sendo protegida e gerida de forma que sua condição natural seja preservada.
II	Parque nacional	Grande área natural ou quase natural designada para proteger processos ecológicos de grande escala, com as espécies e ecossistemas característicos do local, que oferece também uma base para atividades espirituais, científicas, educacionais, recreativas e de visitação ambiental e culturalmente compatíveis.
III	Monumento ou elemento natural	Área designada para proteger um monumento natural específico, que pode ser uma forma terrestre, monte marinho, caverna submarina, elemento geológico (como uma caverna) ou até mesmo um elemento vivo (como um bosque antigo).
IV	Área de gestão de habitats/espécies	Área designada para a proteção de determinadas espécies ou habitats, cuja gestão reflete essa prioridade. Muitas áreas protegidas de Categoria IV precisam de intervenções regulares e ativas para atender aos requisitos de espécies em particular ou para manter habitats. Não se trata, porém, de um requisito da categoria.
V	Paisagem terrestre ou marinha protegida	Área na qual a interação entre as pessoas e a natureza ao longo do tempo produziu uma ambiência de caráter distinto com significativo valor ecológico, biológico, cultural e cênico, e onde a salvaguarda da integridade dessa interação é vital para proteger e sustentar a área e seus valores associados de conservação da natureza ou de outros tipos.
VI	Área protegida para o uso sustentável de recursos naturais	Área que conserva ecossistemas e habitats, além de valores culturais associados e sistemas tradicionais de gestão de recursos naturais. Normalmente grande, a maior parte de sua extensão está em condições naturais, encontrando-se uma parte sob gestão sustentável de recursos naturais. O uso não industrial de baixa intensidade desses recursos, compatível com a conservação da natureza, é considerado um dos principais objetivos da área.

Fonte: Gestão do Patrimônio Mundial natural: Manual de referência do patrimônio mundial / 2016. http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/clc_gestao_patrimonio_mundial_natural_port.pdf

Para Guedes e Maio (2016), o termo Bem Cultural pode apresentar várias definições. A noção de bem cultural tem sido empregada para definir qualquer bem produzido pela cultura. Na prática, acabou se aplicando mais àqueles bens culturais escolhidos para preservação. No sentido mais amplo, define-se também como “um bem, material ou não, significativo como produto e testemunho de tradição artística e histórica, ou como manifestação da dinâmica cultural de um povo ou de uma região” Pode-se ainda considerar como bens culturais obras arquitetônicas, ou plásticas, ou

literárias, ou musicais, conjuntos urbanos, sítios arqueológicos, manifestações folclóricas, etc.” (apud FERREIRA, 1986, p. 247).

Os bens culturais são protegidos por leis em seus países de origem, mas define claramente, em vastas categorias, o que deve ser compreendido por bem cultural. Além disso, incentiva que esses bens passem a ser protegidos e regulamentados por leis nacionais que objetivem protegê-los e preservá-los.

No Brasil, a terminologia bem cultural, até os anos setenta foi utilizado no sentido de bem protegido, estava mais próximo da ideia de patrimônio vinculado às primeiras décadas do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Os bens estavam associados a “fatos memoráveis da história do Brasil, quer pelo seu excepcional valor arqueológico quer pelos valores etnográfico, bibliográfico ou artístico”, incluindo os monumentos naturais, os sítios e as paisagens, delimitação das primeiras décadas de atuação da instituição.

Ao longo dos anos, esse conceito vem sendo reelaborado. A Constituição Federal de 1988, introdução uma nova concepção do Estado brasileiro em relação a cultura e aos bens culturais materiais e imateriais.

Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Art. 16 da Constituição Federal, 1988).

É oportuno salientar que a busca pelo embasamento teórico, acerca do conceito de cultura na perspectiva antropológica, na perspectiva da cultura primata, defendida pelos primatólogos, assim como a concepção de produção cultural de bens naturais, constituem um grande desafio para compreender a existência da cultura e tradição entre os macacos-prego na Serra da Capivara.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho empreendeu-se um esforço em visitar a produção teórica a respeito da chamada cultura primata e apontamos as divergências com as visões de cultura proporcionadas pela Antropologia Cultural

As principais percepções apreendidas na revisão bibliográfica é que entre os pesquisadores não há um consenso entre os primatólogos sobre a concepção de cultura, e entre os antropólogos uma negação sobre a existência de uma cultura não humana.

Por outro lado, o uso de ferramentas pelos macacos-prego na Serra da Capivara, é uma tradição que remonta a milênios: um novo estudo descobriu que esses primatas utilizam ferramentas de pedras para processar alimentos há 3 mil anos, fazendo desse local o sítio arqueológico não-humano mais antigo do tipo fora da África.

Falótico e outros pesquisadores apontaram que o uso de ferramentas pelos macacos-prego evoluiu ao longo dos anos. Vestígios encontrados nas pesquisas no sítio arqueológico da Serra da Capivara, mostram que ao longo desse arco milenar houve uma evolução no uso dessas ferramentas, tanto em termos de tamanho quanto na aplicação e aprimoramento das técnicas. A transmissão da tradição entre os macacos mais velhos e os macacos mais jovens também foram observados pelos pesquisadores, assim como as diferenças de comportamento entre os gêneros.

Nesta reflexão sobre o tema da tradição e cultura dos macacos prego, ficou evidente a dicotomia conceitual sobre cultura, e uma questão permanece em aberto, se de fato existe uma cultura primata.

Muitos antropólogos simplesmente definem cultura como um fenômeno exclusivamente humano. O que é uma postura arriscada. Isto porque invariavelmente será necessário definir o que é humano, o que por sua vez exigirá um retorno à definição de cultura.

Além desta lógica potencialmente circular, esta definição liminarmente restritiva pode ser superada por avanços tecnológicos. A discussão sobre cultura primata em si já é aumentada pelo fato de podermos usar câmeras escondidas e observar o

comportamento destes primatas com mínima intrusão. Redes neurais artificiais sofisticadas imitam os caminhos dos neurônios e fazem parte do nosso dia a dia através dos nossos celulares e computadores. Animais geneticamente modificados para ser mais inteligentes, saíram do campo da ficção científica para virar uma possibilidade remota. No campo da biotecnologia, cérebros de animais abatidos podem ser mantidos “Vivos”, ainda que privado de sentidos, por várias horas após o abate do animal.

Mesmo a imposição de uma linguagem com potência simbólica, propriamente cultural conforme disse Laplantine, pode ser superada algum dia por Redes Neurais artificiais. Se a rede neural por trás da ferramenta GPT-4 atual já domina signos, como será o GPT-42 ?

Nossa proposta é valorizar o ofício do etnólogo a ponto de mostrar que a existência, ou ao menos a possibilidade, de um aspecto emocional e interpretativo sempre presentes em uma pesquisa nos moldes descritos por DaMatta, é condição necessária para definir um fenômeno como cultura. Em outras palavras, o observador cuidadoso, treinado e devidamente impactado culturalmente faz parte do fenômeno propriamente cultural.

Pelo que podemos aprender neste estudo, **o que acontece na Serra da Capivara não é cultura**, no sentido comumente abordado na Antropologia Cultural. Afirmamos isso porque além da inexistência de simbolismos, ou uma linguagem propriamente cultural, não há possibilidade de uma interação adequada entre população estudada e pesquisador.

Esta conclusão não desmerece o fato que há, pelo mundo afora, neste exato momento, dezenas de pesquisadores bem formados e cuidadosos estudando o fenômeno comportamental por eles descrito como cultura primata. Surge então a idéia que a conclusão acima pode ser aperfeiçoada ou até mesmo revertida por um estudo etnográfico tendo não os macacos como população estudada, mas sim a comunidade de pesquisadores. Será que eles “emprestam” seus símbolos e sentimentos aos macacos?

Do ponto de vista da produção cultural, pode se pensar que independe do debate que está posto e polarizado, a perpetuação da espécie macaco-prego no território brasileiro é milenar, assim como o sítio arqueológico que serve de habitat

para esta espécie, constituem bens culturais naturais e estão preservados como Patrimônio Histórico Cultural.

Dentro deste entendimento, uma das funções do produtor cultura é a gestão do patrimônio cultural de bens públicos. Portanto uma função de um produtor cultural é dar o melhor de si para proteger o ambiente único, mas sob imensa pressão, da Serra da Capivara.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Camila Galheigo. Observação por co-específico e influências sociais na aprendizagem do uso de ferramentas para quebrar coco por macacos-prego em semiliberdade. São Paulo: USP, Dissertação de Mestrado, 2009

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

DA MATTA, Roberto. **Você tem cultura**. Explorações: ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, p. 121-128, 1986.

_____. "Você tem cultura?". *Jornal da Embratel*, 1981.

_____. **A mensagem das festas**: reflexões em torno do sistema ritual e da identidade brasileira. In: *Sexta-feira: antropologia, artes e humanidades*. São Paulo: Pletora. v.2. a.2, p-62-81, 1998.

_____. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

FALÓTICO, T. et al. **Digging up food: excavation stone tool use by wild capuchin monkeys**. *Scientific Reports*. v. 7, n. 1, 6278. 24 jul. 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUEDES, Maria Tarcila Ferreira; MAIO, Luciana Mourão. Bem cultural. **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro, Brasília:

IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/79/bem-cultural>>.

Acesso em 4 de dezembro de 2023.

GUIMARÃES, Maria. **Cultura de uso de ferramentas por macacos-prego variou ao longo de 3 mil anos**. 2019. Disponível em:

<<https://revistapesquisa.fapesp.br/cultura-de-uso-de-ferramentas-por-macacos-prego-variou-ao-longo-de-3-mil-anos/>>.

Acesso em 3 de setembro de 2023.

GUIMARÃES, Maria. **Cultura primata: Transmissão de práticas de uso de ferramentas por macacos-prego ajuda a repensar o papel das tradições na evolução**. 2017. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/cultura-primata/>>. Acesso em 3 de setembro de 2023

KROEBER, A. L.; KLUCKHOHN, C. **Culture: a critical review of concepts and definitions**. Cambridge: Peabody Museum, 1952. (Papers of the Peabody Museum of American Archaeology and Ethnology, Harvard University, v. XLVII, n. 1).

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**, São Paulo: Brasiliense, 1995.

LUIZ, Fábio Henrique. **Estranhos no exterior: As Correntes da Tradição (Franz Boas)**. Documentário, 11 de set. de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zK5IYPeAbDM>>. Acesso em 10 de outubro de 2023.

MALINOWSKI, B. **Objetivo, método e alcance desta pesquisa" e "Introdução: o assunto, o método**. In: MALINOWSKI. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso de. **O ofício do antropólogo, ou como desvendar evidências simbólicas**. Série Antropologia Vol. 413, Brasília: DAN/UnB, 2007.

PAGNOTTA, Murillo. **A atribuição de cultura a primatas não humanos: a controvérsia e a busca por uma abordagem sintética**. São Paulo, 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

RAPCHAN, Eliane Sebeika; NEVES, Walter Alves. **‘Culturas de Chimpanzés’: uma revisão contemporânea das definições em uso**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 11, n. 3, p. 745-768, set.-dez. 2016.

RICHERSON, Pedro; Boyd, Robert. **Cultura e Processo Evolutivo**. Chicago: Editora da Universidade de Chicago, 1995.

RICHERSON, Pedro; Boyd, Robert. **A origem e evolução das culturas**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

SÁ, José Guilherme da Silva e. **Da cultura da diferença a diferença das culturas: A apropriação do conceito de cultura no discurso de primatólogos.** Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 7, n. 1,2, p. 257–278, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/1587/>>. Acesso em 26 de novembro de 2023.

TERRAZAS MATA. Alejandro. **Potencial del uso de la primatología para interpretar la evidencia paleoantropológica Cuicuilco**, vol. 18, núm. 50, enero-abril, 2011, pp. 79-94 Escuela Nacional de Antropología e Historia, México. Acesso eletrônico: Potencial del uso de la primatología para interpretar la evidencia paleoantropológica (redalyc.org)

UNESCO. **Gestão do Patrimônio Mundial natural.** Brasília: UNESCO Brasil, IPHAN, 2016.

UNESCO. **Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural.** Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris, de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Convencao1972%20-%20br.pdf>>. Acesso em 4 de dezembro de 2023.

ZANIRATO. Sílvia Helena. **Usos sociais do patrimônio cultural e natural.** UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n.1, p. 137-152 - out. 2009.